

Exploração da parte oeste do Maciço do Coração

Olivier Sausse

Groupe Spéléologique Bagnols – Marcoule



E aqui estamos finalmente na Agrovila 15! Depois de quinze horas de viagem, partilhamos uma boa refeição na pousada. Encontramos nossos anfitriões, que nos acolhem calorosamente, o que não poderia ser diferente, nesse país.

Há aproximadamente 15 meses não sentíamos o cheiro da poeira das planícies do São Francisco. No ano anterior, terminamos a expedição 2007 com a descoberta da gruta "das Três Cobras". Havíamos então explorado 2.500 m da gruta no último dia da expedição, deixando para trás muitas saídas de galerias.

Depois de uma noite barulhenta, encontramos-nos diante de um bom café da manhã. Na verdade, os brasileiros gostam de música, mas a ouvem na rua, com veículos customizados que mais parecem casas de *show* ambulantes do que meios de transporte.

Fixamos o objetivo do dia, que será a continuação da exploração da Três Cobras. Faremos várias equipes nos diferentes locais não explorados da gruta.

A saída é difícil, cada um procura suas coisas, a preparação do material é um pouco entediante; isso é normal no primeiro dia. Nós nos amontoamos nos veículos, alguns nas carrocerias das 4x4, outros instalados em carros fechados, protegidos da poeira.

Uma meia horinha de estrada nos basta para chegar perto da entrada principal da gruta. Tenho dificuldade em reconhecê-la, não há mais vegetação e podemos praticamente estacionar diante da entrada da gruta. As árvores foram cortadas para serem transformadas em carvão.

Estacionamos bem ao lado do forno.

E o trabalho começa. Cada um se prepara para entrar sob a terra. Escolhemos a entrada mais próxima e à medida que progredimos as lembranças do ano anterior me voltam. As interseções se sucedem e os grupos se dividem; cada um sabe o que deve fazer, como num formigueiro.

A topografia progride rapidamente. Nossa equipe acaba por encontrar pontos da topografia da equipe de Ezio. Depois de algumas horas de exploração, nosso trabalho está terminado.

Visitamos as grandes galerias descobertas no ano anterior. Maud descobre fragmentos de cerâmica e passamos algum tempo a fazer buscas nas proximidades. Depois, finalmente, saímos da gruta pela saída que fica mais a leste do maciço. Voltamos aos veículos pelo lado de fora; mocós correm para todo lado quando ouvem nossos passos na vegetação. Somos os primeiros no estacionamento. Depois de matar a sede, Roberto me propõe ir ao encontro das outras equipes. Aceito e voltamos novamente para debaixo da terra. Não demoramos a encontrar Iscoti, que fotografa, e como ele está sozinho, nós o ajudamos a tirar algumas fotos, segurando os *flashes* e desempenhando o papel de escala.

spit e passo a vez a Jussy que coloca o segundo, instalamos a corda e nos juntamos ao Ezio. Diante de nós um verdadeiro golpe fatal, uma fenda, vem cortar perpendicularmente nossa marcha forçada. Ela tem 1,30m de largura e 15 metros de profundidade e no fundo há água. Deixamos para ver mais tarde e atravessamos a "fenda". Do outro lado a galeria continua, continuamos a exploração mais algumas centenas de metros. Ela não é muito larga e é do tipo meandro.

Essa parte Oeste do "Maciço do coração" é desconhecida. Depois de algumas escaladas e desescaladas, chegamos em um poço descendente. Enquanto o resto da equipe continua a topografia nas diferentes saídas que



Exploration of the western section of Maciço do Coração (Heart Outcrop)

If one looks at the satellite image of a specific karstic outcrop in the Serra do Ramalho area, the form of a heart may be discerned. There lies Gruta das Três Cobras, which was discovered on the french-brazilian expedition of 2007. This article is about the efforts undertaken by the 2008 expedition to expand its frontiers.

Gruta das
Três Cobras:
Foto: Alexandre
Camargo Iscoti

Ele nos diz que a equipe do Ezio seguiu nessa direção há duas horas. Trata-se de um teto baixo de 50 centímetros de altura. Ajusto minhas joelheiras e vou. Ela tem aproximadamente 100 metros, não é muito estreita, mas rapidamente, começa a fazer muito calor. É preciso dizer que nessa região do Brasil a temperatura é aproximadamente de 27 graus sob a terra, por isso, basta mexer um pouco para começar a transpirar.

Felizmente há corrente de ar e saímos da parte estreita para chegar a uma galeria de tamanho confortável, onde podemos ficar de pé. Avançamos rapidamente e depois de algumas centenas de metros encontramos nossos amigos. Eles nos dizem que a fenda continua. Paramos num patamar que é preciso atravessar. É preciso então voltar com material vertical. Fazemos o caminho de volta em direção à saída e seguimos para a Agrovila 15.

No dia seguinte, com muita disposição, a equipe é rapidamente organizada e preparamos o material. Algumas cordas, ancoragem, fitas, sacos com *spits* são rapidamente colocados nos kits.

Não demoramos a chegar à saída do local de teto baixo. Com o kit é um pouco mais quente, principalmente em termos de transpiração. Alguns momentos mais tarde, estamos diante do patamar onde estávamos no final do dia anterior. Enquanto Ezio passa para o outro lado sem equipamento, o resto da equipe torna a passagem mais segura. Eu coloco um primeiro

tinhamos deixado para trás, Jussy me acompanha para equipar a parte vertical. Encontramos ancoragens naturais. Eu desço aproximadamente 8 metros; o poço continua, mas é necessário colocar um fracionamento. Alguns instantes mais tarde isso já está feito e continuo minha descida. Mais ou menos 10 metros depois, deparo-me com o que parece ser uma marca de água. Aproximando-me e observando a morfologia da galeria, acredito ter encontrado um sifão. Peixes cavernícolas nadam nesse pequeno sifão (0,8m por 0,8m).

A exploração dessa parte do maciço está terminada. As outras saídas não deram em nada.

Deixamos de lado uma galeria estreita atapetada de concreção (tipo couve-flor). Na volta, Jeff equipa a fenda e, tendo meu equipamento completo, desço ao fundo dela. Um pequeno lago me espera. Atravesso a fenda e exploro os dois lados, mas não encontro nenhuma continuação.

Tudo isso forma uma bela rede de galerias, com mais de cinco quilômetros de topografia. Além do mais, a descoberta do sifão nos indica que há zonas cársticas inundadas. No início pensávamos simplesmente que essa rede se enchia de água durante o período de chuvas. Ora, se ela funciona bem como ressurgência com partes ativas, há, então, seguramente, níveis inferiores inundados que se comunicam com o resto do maciço.

Exploration de la partie Ouest du maciço do coração

Olivier SAUSSE

Groupe Spéléologique Bagnols – Marcoule

Nous voilà enfin à Agro Villa 15, après 15 heures de voyage nous partageons un bon repas à l'hôtel. Nous retrouvons nos hôtes qui nous accueillent chaleureusement, ce qui ne peut être autrement dans ce pays.

Cela fait environ 15 mois que nous n'avons pas senti l'odeur de la poussière des plaines du San Francisco. L'an dernier nous avons terminé l'expédition 2007 sur la découverte de la grotte "des Trois Cobras". Nous avons alors exploré la cavité sur 2.500 m le dernier jour de l'expédition, plein de départs de galeries sont alors laissés.

Après une nuit bruyante, nous nous retrouvons devant un bon petit déjeuner. En effet, les brésiliens aiment la musique, mais ils l'écoutent dans la rue avec des véhicules customisés qui ressemblent plus à des boîtes de nuit ambulantes qu'à des moyens de transport.

Nous fixons l'objectif de la journée, ce sera la suite de l'exploration des Trois Cobras. Nous allons faire plusieurs équipes aux différents endroits non explorés de la cavité.

La mise en jambe est difficile, chacun cherche ses affaires, la préparation du matériel est un peu fastidieuse, normal pour un premier jour.

Nous nous entassons dans les véhicules, certains d'entre nous sont dans les bennes des 4x4, d'autres sont installés dans les véhicules à l'abri de la poussière.

Une petite demi-heure de route suffit pour arriver à proximité de l'entrée principale de la grotte. J'ai du mal à la reconnaître, il n'y a plus de végétation et on peut pratiquement se garer devant l'entrée de la grotte. Les arbres sont coupés afin d'être transformés en charbon de bois.

Nous nous garons juste à côté du four.

C'est parti. Chacun se prépare à rentrer sous terre, nous choisissons l'entrée la plus proche, au fur et à mesure de la progression les souvenirs de l'an passé me reviennent, les intersections se succèdent et les groupes se divisent, chacun sait ce qu'il doit faire comme dans une fourmilière.

La topographie avance rapidement. Notre équipe finit par retrouver des points topo de l'équipe d'Ezio. Après quelques heures d'exploration notre travail est terminé.

Nous visitons les grandes galeries découvertes l'an dernier, Maud découvre des fragments de poterie, nous passons un peu de temps à fouiller aux alentours puis finalement nous sortons de la grotte par la sortie la plus à l'est du massif. Nous retournons aux voitures par l'extérieur, des mocos courent dans tous les sens au fur et à mesure qu'ils entendent nos pas dans la végétation. Nous sommes les premiers au parking; après s'être désaltéré, Roberto me propose d'aller à la rencontre des autres équipes. Ok, c'est parti, nous rentrons à nouveau sous terre, nous ne tardons pas à rencontrer Iscoti qui fait des photos; il est seul, nous l'aidons à tirer quelques clichés en lui tenant les flashes et en jouant le rôle de mannequin.

Il indique que l'équipe d'Ezio est partie dans cette direction depuis 2 heures, il s'agit d'un laminoir haut de 50 centimètres, j'ajuste mes genouillères et c'est parti, le laminoir dure environ 100 mètres, il

n'est pas très étroit mais il fait rapidement chaud. Il faut préciser qu'il fait environ 27 degrés sous terre dans cette région du Brésil, alors dès qu'on bouge un peu, on transpire vite.

Heureusement il y a du courant d'air, nous sortons de la partie étroite pour nous retrouver debout dans une galerie de taille confortable, nous avançons rapidement et après quelques centaines de mètres nous retrouvons nos amis. Ils nous indiquent que ça continue, arrêt sur vire qu'il faut traverser. Il nous faut donc revenir avec du matériel. Nous rebroussons chemin, direction la sortie et Agro Villa 15.

Le lendemain, nous sommes d'attaque, l'équipe est rapidement constituée, nous préparons le matériel. Quelques cordes, amarrages, sangles, trousse à spits sont rapidement chargés dans les kits.

Nous ne tardons pas à arriver au départ du laminoir, avec un kit c'est un peu plus chaud, en termes de transpiration surtout. Quelques instants plus tard, nous nous retrouvons devant la vire au terminus de la veille. Tandis qu'Ezio passe de l'autre côté en libre, le reste de l'équipe sécurise le passage, je plante un premier spit, puis je passe le relais à Jussy qui plante le deuxième, nous installons la vire et rejoignons Ezio. Devant nous un véritable coup de sabre, une diaclase vient couper à la perpendiculaire notre conduite forcée. Celle-ci fait 1 m 30 de large et 15 mètres de profondeur, au fond il y a de l'eau. Nous irons voir plus tard, nous franchissons "la crevasse", de l'autre côté la galerie continue, nous poursuivons l'exploration sur plusieurs centaines de mètres, ce n'est pas très large et de type méandre.

Cette partie Ouest du "Maciço do Coração" est inconnue. Après quelques escalades et descentes, nous butons sur un puits descendant. Tandis que le reste de l'équipe continue la topo sur les différents départs que nous avons laissés, Jussy m'accompagne pour l'équipement de la verticale. Nous trouvons des amarrages naturels, je descends d'environ 8 mètres, le puits continue mais il me faut placer un relai. Quelques instants plus tard, c'est chose faite, je continue ma descente, après environ 10 mètres je bute sur ce qui me semble être une laisse d'eau. En m'approchant et en regardant la morphologie de la galerie, je pense plutôt être sur un siphon. Des poissons cavernicoles nagent dans ce petit siphon (0,8 m / 0,8 m).

L'exploration de cette partie du massif est terminée. Les autres départs ne donnent rien.

Nous laissons de côté une galerie étroite tapissée de concrétion (chou-fleur), sur le retour Jef équipe la diaclase; ayant mon équipement complet je descends au fond de celle-ci, une petite baignade m'attend, je traverse la diaclase et explore les deux côtes, aucune continuation n'est trouvée.

Cela fait un beau réseau avec plus de 5 kms de topographie. De plus avec la découverte du siphon, cela nous indique qu'il y a des zones karstiques noyées en profondeur. Au départ nous pensions simplement que ce réseau se remplissait d'eau pendant les périodes de pluie, or il fonctionne bien en résurgence avec des parties actives. Il y a sûrement des niveaux inférieurs noyés qui communiquent avec le reste du massif.



Serra do Ramalho 2008 a 2011

Fotos: Alexandre Camargo Iscoti & Ezio Rubbioli

